

## O LEITOR EM FOCO NA LEITURA DE OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA PROPOSTA A PARTIR DO MÉTODO RECEPCIONAL

Rian Lucas da Silva <sup>1</sup>  
Girleene Marques Formiga <sup>2</sup>

### RESUMO

A literatura é um direito que deve ser assegurado ao ser humano (CANDIDO, 2011), e a escola, como instituição responsável pela promoção do acesso à leitura, pode prover condições necessárias ao alcance do texto literário por parte de crianças e jovens leitores. Para tanto, há necessidade de abordagens teórico-metodológicas que atendam a essa formação bem como de textos que discutam problemáticas vivenciadas por grupos historicamente marginalizados. É a partir da necessidade de se debaterem temas conflituosos em sala de aula, como os relacionados aos diversos papéis sociais da mulher, que este trabalho propõe uma prática de leitura com o conto “Olhos d’água”, da escritora Conceição Evaristo, com base no Método Recepcional, elaborado por Bordini e Aguiar (1993), ancorado na teoria da Estética da Recepção (JAUSS, 1994). Por meio de uma pesquisa de natureza qualitativa-interpretativa, espera-se, mediante a dimensão estética do conto, destacar o papel do leitor na experiência literária, favorável a uma formação humana emancipadora (FREIRE, 2011), além de lhe permitir construir posicionamentos e reflexões críticas sobre a temática da diversidade e da representação da mulher, de modo que consiga compreender as lutas enfrentadas pelas mulheres ao longo da história, vítimas de contextos misóginos e machistas, que ainda se apresentam em nossa sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Ensino de Literatura, Leitura literária, Método Recepcional, Formação de leitores.

### INTRODUÇÃO

Se entendermos que ninguém nasce pronto, mas é nos experimentando no mundo que nós nos formamos, conforme ilustra Freire (1993), expandimos essa compreensão para a necessidade de que os professores de Língua Portuguesa precisam experimentar-se de forma mais aprofundada, a fim de contribuir para que os alunos

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, bolsista no Programa Insitucional de Bolsa de Iniciação Científica para Projetos de Pesquisa, Inovação, Desenvolvimento Tecnológico e Social voltados para a Educação a Distância – PIBITEC-EaD/IFPB. [rian.lucas@academico.ifpb.edu.br](mailto:rian.lucas@academico.ifpb.edu.br);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora, titular do Instituto Federal da Paraíba – IFPB, [gformiga@uol.com.br](mailto:gformiga@uol.com.br).

também possam se experimentar e se formar, irem além de si, ampliando sua capacidade de raciocinar, de agir e, também, de sentir.

Nesse contexto, urge deitar os olhos (e o espírito) sobre a recepção, aplicação e valorização da literatura na escola, tendo em vista que tal conhecimento se destaca, entre tantos aspectos, pela função social de poder manifestar diversos tipos de leituras sob ângulos e perspectivas diferentes, com o intuito de não só construir laços a partir de partilhas de experiências com textos literários, mas também de promover reflexões em torno da própria identidade dos discentes (FREITAS, 2020).

Diante disso, pode-se afirmar que a formação de um leitor implica, acima de tudo, a construção de um sujeito e cidadão crítico, sendo sensível tanto à sua realidade quanto à do outro, sob a perspectiva da função de arte humanizadora da literatura na escola, conforme defende Candido (2004). Levando em consideração esse entendimento e o fato de que os acontecimentos da vida cotidiana se mesclam aos enredos das narrativas (supostamente) ficcionais, não podemos ignorar a ligação, a interseção entre esses dois elementos. Em suma, vida e literatura se integram, um dando origem ou suporte ao outro. A vida se oferece como material genético para a criação-produção literária; esta, por sua vez, em agradecimento, se incumbe de devolver aos viventes, seus leitores, oportunidades inúmeras de se reencontrarem, de se verem, de se identificarem, refletidos que estão no espelho da íntima e profunda subjetividade aninhada no seio dessa produção.

Reconhecendo essa conexão entre real e fictício, entre vida e literatura, como um duo de linhas que ora se cruzam ora se mesclam ora se paralelizam, não podemos negar que esse duo é gerado a partir de circunstâncias e fenômenos sociais, que se manifestam e nos fazem ativos e, ao mesmo tempo, vulneráveis a seus efeitos; tais circunstâncias e fenômenos estão, pois, dotados de energia suficiente para se tornarem, se não protagonistas, mas excelentes coadjuvantes nas tramas literárias que nos representam, nos comovem e nos transformam.

Relacionando as questões expostas a fatos cotidianos, segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha<sup>3</sup>, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), uma em cada quatro mulheres afirma ter sofrido algum tipo de violência durante a pandemia da Covid-19. Podemos ler a informação e simplesmente

---

<sup>3</sup> Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/07/1-em-cada-4-mulheres-foi-vitima-de-algum-tipo-de-violencia-na-pandemia-no-brasil-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2021.

ignorá-la haja vista fatos dessa ordem já serem naturalizados por parte da sociedade, o que aponta não terem sido suficiente ou adequadamente discutidos nos espaços familiares, acadêmicos, laborais.

Isso já nos diz quão necessária é uma discussão em sala de aula, posto que casos desse tipo afetam diretamente a condição de mulher e de indivíduo. Isso pode ser feito por meio de palestras, de mesas de debate, entre tantos outros mecanismos. O que defendemos neste trabalho é que tal discussão seja feita pelo viés da literatura mediante leituras de textos que questionem esses e outros aspectos relativos à figura feminina na sociedade.

Em virtude da importância desse tema, o presente trabalho aponta como principal justificativa a necessidade de levar à sala de aula temas que se debrucem sobre a questão da representatividade feminina, de modo que os alunos percebam, com clareza, com responsabilidade, seu papel frente às lutas as quais as mulheres enfrentam desde a Idade Média, perdurando até a contemporaneidade. Uma vez escolhido esse viés, ou seja, se a escolha pela discussão se ampara na literatura, que tal exercício se realize por meio de procedimentos teórico-metodológicos que considerem o leitor um elemento principal do processo literário.

Assim sendo, este trabalho objetiva apresentar uma proposta didática baseada no Método Recepcional, tendo como ponto de partida o conto literário “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo. Sugere-se que a proposta seja aplicada com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, embora não haja impedimentos quanto à aplicação a outros níveis de ensino. A escolha do conto se deu em razão de ser um texto adequado para se debaterem questões importantes, como a da representação e, sobretudo, da diversidade feminina.

É válido destacar também que a proposta a ser apresentada não é um modelo rígido, acabado em si mesmo, mas um caminho que pode servir como norteamento que futuros professores possam seguir, aplicando-o em sala de aula, adequando-o às necessidades específicas que cada turma apresenta.

## **O MÉTODO RECEPCIONAL: UMA ABORDAGEM CENTRADA NA PARTICIPAÇÃO ATIVA DO LEITOR**

O Método Receptional foi preconizado pelas autoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993), com base na Estética da Recepção (JAUSS, 1994), cujos pressupostos ressaltam a recepção do leitor frente à obra literária. Neste sentido, a escolha teórica mostra-se adequada para fundamentar o aspecto da recepção do conto de Evaristo pelo jovem leitor, que, em uma relação dialógica com a obra, pode atualizar os sentidos do texto.

Composto por cinco etapas, o Método Receptional é sistematizado a partir de uma sequência progressiva de textos literários que promovem momentos não só de fruição como também de reflexão das experiências vividas pelos sujeitos durante a leitura, sendo elas: 1) determinação do horizonte de expectativas; 2) atendimento do horizonte de expectativas; 3) ruptura do horizonte de expectativas; 4) questionamento do horizonte de expectativas; por fim, 5) ampliação do horizonte de expectativas.

O método encontra respaldo na concepção da função social da leitura defendida por Jauss (1994, p. 50); para esse autor, essa função apenas se manifesta na plenitude de “suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento de mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social”.

Para esse método específico, a atitude receptiva tem o seu início a partir de uma aproximação entre o texto e o leitor e, por esta razão, as diversas possibilidades de diálogo com a obra dependem tanto do grau de identificação quanto do de distanciamento do leitor em relação ao texto. O processo de recepção, por outro lado, completa-se assim que o leitor, após ter comparado a obra com a tradição de elementos próprios do seu tempo e de sua cultura, inclui ou não elementos do seu horizonte de expectativas. Assim, quanto mais leituras um sujeito realiza, maior se torna a capacidade para a modificação dos seus próprios horizontes (BORDINI; AGUIAR, 1993).

As autoras pontuam que o sucesso de seu método para o ensino de literatura é assegurado quando os seus objetivos se alinham aos dos alunos. Dito de outro modo, ao se aplicar o Método em discussão, os objetivos dos estudantes podem ser alcançados, quando se realizam alguns procedimentos, quais sejam: 1) estimular a prática de leituras compreensivas e críticas; 2) atentar para a capacidade de ser receptivo não só a novos textos, mas também a outras leituras; 3) promover questionamentos a partir das leituras efetuadas, levando em consideração o horizonte sociocultural do discente; 4) buscar

transformar os horizontes de expectativas não somente do aluno e do professor, por exemplo, mas além disso com a comunidade familiar e gestão escolar (BORDINI; AGUIAR, 1993).

Nesse sentido, é notório que “o método é, portanto, eminentemente social ao pensar o sujeito em constante interação com os demais, através do debate, e ao atentar para a atuação do aluno como sujeito da História” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 86). Isso implica (re)conhecer que a literatura, por si só, jamais se esgota no próprio texto, mas vai além dele na medida em que se completa no ato de leitura e, a partir disso, ocorre a configuração de um sujeito ativo e criativo acerca daquilo que lê.

Assim, na primeira etapa – determinação do horizonte de expectativas –, as autoras ressaltam que, em sala de aula, o primeiro passo do professor seria determinar esse horizonte, com o propósito de buscar estratégias de ruptura e, sobretudo, de transformação. Isso pode ser feito por meio de exames ou de observações que analisem, por exemplo, obras anteriormente lidas pelos alunos; aplicação de questionários; realização de entrevistas; utilização de encenação em jogos etc.

Após essa determinação do horizonte, começa o momento de o docente atender ao que foi encontrado em sala de aula, a fim de proporcionar à turma experiências com os textos literários que atendam às suas necessidades. Como seria essa etapa na prática? Supondo-se que a classe aprecia obras de cunho gótico ou de terror, o professor pode sugerir obras que contenham aspectos do horror ou de recursos que promovam esse tipo de reação.

A terceira etapa – a de ruptura – é o momento em que devem ser introduzidos textos e/ou atividades que (des)construam as certezas pré-estabelecidas pelos alunos anteriormente. Essa ruptura, por sua vez, precisa oferecer continuidade à etapa anterior, o que pode se dar por meio de textos que se aproximam dos anteriores em aspectos do horror – como o tema, o tratamento, a estrutura e a linguagem. As autoras ressaltam, todavia, que os demais recursos precisam estar inteiramente diferentes, pois se espera que o aluno perceba que está adentrando em um campo até então novo e, por conseguinte, desconhecido, mas que não o deixe inseguro e ocasione a rejeição dessa nova experiência.

A penúltima etapa do método – a de questionamento do horizonte de expectativas – é decorrência das etapas que já foram trabalhadas outrora. Aqui, os alunos poderão debater sobre suas próprias reações, comportamentos, entraves ou outras

implicações que os atingiram durante a leitura dos textos, abarcando os maiores desafios encontrados, bem como as facilidades que se fizeram presentes durante esse processo. As autoras destacam que nessa etapa os discentes devem examinar se houve algum conhecimento escolar ou experiência pessoal, anterior a essa vivência, que possa ter contribuído para a interpretação e compreensão do texto em estudo, ou, de modo contrário tenha dificultado esse processo. É importante que o estudante identifique qual teria sido esse conhecimento ou essa experiência que lhe facilitou ou não sua relação com o texto lido.

Na última etapa – a de ampliação do horizonte de expectativas –, espera-se que os alunos tenham tomado consciência daquilo que foi adquirido nas etapas anteriores por meio da experiência singular com a literatura. O final dessa etapa não sinaliza o término, muito pelo contrário, representa o início de uma nova aplicação, pois, de acordo com as autoras, esse método deve evoluir, de modo que permita aos alunos posturas mais conscientes com vistas a relacionar a literatura aos aspectos da vida em geral.

Após esse breve arcabouço teórico acerca do que Bordini e Aguiar (1993) apresentam sobre o Método Recepcional, faremos a exposição de uma proposta didática que objetiva trabalhar, principalmente, questões que envolvem a representação e, acima de tudo, a diversidade feminina, por intermédio do conto “Olhos d’água”, da escritora contemporânea Conceição Evaristo.

### **“OLHOS D’ÁGUA”: UMA PROPOSTA DE LEITURA LITERÁRIA COM O MÉTODO RECEPCIONAL**

A proposta aqui apresentada sugere, como público-alvo, estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental II. A leitura do conto “Olhos d’água” visa principalmente discutir questões acerca da representatividade e diversidade feminina, com objetivos voltados a: a) investigar as histórias de mulheres das famílias dos alunos, a fim de entender o papel e a importância de cada uma delas em seu meio social e familiar ; b) explorar a temática da diversidade feminina por meio da exposição de imagens; c) promover a sensibilidade e o caráter imaginativo dos alunos ao propor um paralelo da representação das mulheres de sua família com o sujeito feminino que foi apresentado no conto; d) discutir aspectos relevantes no que se refere ao ser mulher na sociedade

atual, de modo que se tornem evidentes as dificuldades pelas quais passaram até se constituírem, por meio de letras de música, como sujeitos de sua própria história; e) investigar elementos narrativos do gênero poema que colaboram para a construção da imagem feminina; f) explorar a criatividade e a capacidade de síntese dos alunos, a partir da criação de mapas mentais/conceituais.

Isto posto, delinearemos, a seguir, um cenário para o desenvolvimento da prática de leitura do conto as cinco etapas definidas no Método Receptional por Bordini e Aguiar (1993).

#### 1. Determinação do horizonte de expectativas:

Em sala de aula, o professor percebe que os alunos conversam sobre as trajetórias dos seus antepassados, contando sobre a vida de mulheres corajosas e inteligentes de sua família. Ao notar essa conversa, a fim de, no início, determinar esse horizonte de expectativas, o professor pode aproveitar o tema e organizar uma sistematização de atividades didáticas. De início, ele pode solicitar que os alunos, ao chegarem em casa, entrevistem os familiares, sobretudo com os mais velhos, sobre as vivências da família; sobre as maiores conquistas ou fracassos; momentos de tristeza e de alegria; acerca da coragem de algumas e fraqueza de outras etc. ou apenas falem com eles sobre esse assunto.

Após esse momento de partilha com os familiares em casa, os alunos são orientados a levarem textos escritos ou, se preferirem, debaterem oralmente em sala de aula, espaço onde todos terão a oportunidade de compartilhar as histórias de suas famílias. Esse debate pode ser de modo coletivo, com a turma posta em formato de círculo, com o professor ao meio servindo como um mediador dessa conversa, lançando, sempre que possível, novos questionamentos que sirvam para ampliar as discussões que estão sendo desenvolvidas. Terminadas as discussões, o professor pode apresentar aos alunos uma imagem (ou mais) que explore a questão da diversidade da estrutura física feminina, ou seja, a forma como suas características mudam de uma para outra, embora todas elas partilhem um aspecto comum: o fato de ser mulher. É válido ressaltar que, nesse momento, o professor deve deixar os discentes livres para expressarem suas opiniões sobre a(s) imagem(ns), desde que se mantenha um debate digno de respeito e amor para com as mulheres.

#### 2. Atendimento do horizonte de expectativas:

Após realizadas as discussões anteriores e se ter determinado o horizonte de expectativas, com o propósito de atender a esse horizonte, é momento de o professor levar à sala de aula o conto literário “Olhos d’água”, da escritora contemporânea Conceição Evaristo. Em sala, antes mesmo de apresentar aos discentes o que será lido, é preciso que o docente ofereça, aos poucos, pistas e/ou dicas sobre o que será trabalhado. Pode começar, por exemplo, dizendo o nome da autora e questionando os alunos sobre já a conhecerem ou pelo menos terem ouvido algo sobre ela em algum momento. Compete ao professor falar brevemente sobre a escritora, atentando-se aos aspectos mais importantes, como o contexto em que o livro em estudo foi escrito, como se dá a linguagem nas obras da autora e outros elementos que julgar importantes. Após uma breve apresentação em torno da escritora, o professor já pode dizer o título do texto que será lido e, após isso, interrogá-los sobre o que conseguem inferir a partir dessas primeiras informações. Depois que cada aluno tiver contribuído, é o momento da leitura integral.

Para isso, o professor pode imprimir exemplares do texto e entregar uma folha a cada aluno para, inicialmente, realizarem uma leitura silenciosa para, somente depois, realizarem mais uma leitura de modo coletivo, em que o professor deve utilizar mecanismos como entonação de voz e pausas para surtir efeito de sentidos em seus alunos. Tendo finalizada a leitura, o docente pode iniciar um diálogo com os alunos, a fim de investigar se as inferências que foram feitas no início foram confirmadas ou negadas e como eles conseguiram chegar a suas conclusões. É importante deixá-los livres para debaterem sobre o que leram, sobre as primeiras impressões, personagens que mais chamaram a atenção, fatos mais relevantes etc.

É válido ressaltar que o professor não pode se esquecer dos conhecimentos que já foram adquiridos na etapa anterior e, para isso, deve promover um ligamento desta etapa com a anterior. A partir daí, ele pode propor que cada aluno produza um quadro comparativo, para o qual sugerimos o título “Experiências de ontem e de hoje”. Nesse quadro, os alunos deverão relacionar as histórias que ouviram dos seus antepassados, acerca das mulheres de sua família, com aquelas sobre as trajetórias e vivências que foram relatadas no conto lido. Alguns podem descrever aspectos que se aproximam ou que se distanciam entre os relatos e o texto. A título de exemplo, citamos a emoção da narradora ao falar sobre a própria mãe – é possível que alguns alunos também se sintam emocionados quando falarem das histórias de sua família. Quando sugerimos o título

acima para o quadro comparativo foi levando em consideração as histórias do ontem – aquelas que eles sabem sobre a vida das mulheres de suas famílias – e as de hoje – as que acabaram de ser conhecidas a partir da leitura do conto. Feito esse paralelo, o professor recolhe os quadros comparativos e, juntamente com a turma, pode confeccionar um mural para ser exposto na escola, de preferência na própria sala, a fim de que os alunos dos horários e turnos subsequentes aqueles possam ler essas histórias.

### 3. Ruptura do horizonte de expectativas:

Para romper com o horizonte de expectativas, sugerimos um vídeo com a música “Triste, Louca ou Má”, da banda Francisco, el Hombre. O professor pode usar essa mídia na sala de aula e, após todos terem assistido, cada aluno deve receber uma cópia da letra da música para uma leitura mais cuidadosa. Realizada a leitura, o professor pode propor uma conversa, trazendo sempre à tona assuntos já discutidos anteriormente, como a representação feminina. Alguns questionamentos podem ser dirigidos aos discentes no intuito de levá-los à reflexão crítica sobre a temática da mulher, como, por exemplo: de que forma o título da música “Triste, Louca ou Má” nos faz construir a imagem feminina? Vocês acham que esse título foi proposital ou ele esconde algum significado? Essas interrogações abrem margem para diversas conversas e debates profícuos sobre o atual papel a que a mulher é submetida constantemente? O próprio refrão “Que um homem não te define / Sua casa não te define / Sua carne não te define / Você é seu próprio lar” pode ser explorado com mais profundidade durante as discussões, já que diversos assuntos podem ser ali identificados, como, por exemplo, o fato de que muitas mulheres se submetem ao matrimônio simplesmente por não se sentirem felizes sozinhas, uma vez que, ao longo da nossa história, foi ensinado às mulheres que, para adequar-se aos padrões sociais e morais, o casamento sempre era aprontado como um ritual, um compromisso ao qual toda mulher deveria se submeter.

Realizado o debate, o professor pode solicitar aos alunos que, em casa, pesquisem curiosidades sobre as mulheres, como o direito ao voto e à educação. Essas curiosidades devem ser impressas pelos alunos, levadas à sala de aula, socializadas entre eles e coladas no caderno, por exemplo, a fim de manterem a lembrança de acontecimentos importantes no universo feminino.

### 4. Questionamento do horizonte de expectativas:

Para questionar o horizonte de expectativas dos alunos, sugere-se que o professor leve para a sala de aula o poema intitulado “Mulher”, do poeta e declamador

português Ary dos Santos, disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTkxOTU1Mw/>. Como de costume, o professor pode, inicialmente, falar brevemente sobre o autor do poema e, em seguida, distribuir exemplares do texto para a leitura individual e, em seguida, coletiva.

Após a leitura, os alunos terão a oportunidade de perceber a forma como a mulher é apresentada pelo eu-lírico, além de relacionar esse novo texto com todos os outros que já foram apresentados. Há alguma relação entre esse texto e os anteriormente lidos? Quais aspectos os aproximam e quais os distanciam? Qual verso ou estrofe mais lhe prendeu a atenção e mais o sensibilizou? É importante que o professor, neste contexto, atue como um mediador de leitura, guiando os seus alunos rumo a novas descobertas e a entendimentos que o texto literário proporciona.

#### 5. Ampliação do horizonte de expectativas:

Na parte final, a fim de ampliar o horizonte de expectativas e, além disso, verificar se todos os alunos compreenderam o motivo de leitura dos textos, o professor pode propor a criação de um mapa conceitual ou mental. Esses mapas se assemelham a uma rede de conexões, que partem, geralmente, de uma ideia central a partir da qual se articulam as ideias conectadas. Essa metodologia pode surgir como uma excelente forma de o professor conseguir averiguar se os seus alunos conseguiram compreender tudo o que foi visto, lido e escutado até esta última etapa. O mapa conceitual/mental, além de promover a criatividade dos alunos, aprimora a capacidade de síntese, uma vez que, durante a criação desses mapas, os alunos precisarão ser concisos em suas ideias. Há vários sites gratuitos que os alunos podem utilizar para a criação desse recurso.

Após todos os alunos terem realizado as produções, cada um deve baixar o arquivo<sup>4</sup> criado e imprimi-lo para colagem em cartolinas. É válido ressaltar que esses mapas devem ser definidos e contextualizados de forma breve, de modo que o docente explique, antes de tudo, o que é um mapa mental e, se possível, apresente alguns, a fim de que os discentes possam se acostumar com esse gênero e, portanto, realizar ótimas produções. É importante, também, que o docente deixe bem claro que, nos mapas, devem constar as principais ideias que foram vistas até o momento, ou seja, desde o

---

<sup>4</sup> Não ignoramos as possíveis dificuldades de alguns alunos em relação a acesso a computadores, rede de internet ou mesmo limitação de conhecimento tecnológico. Para se “baixar” o arquivo, o professor pode auxiliar, usando os recursos da própria escola onde trabalha, se houver, ou orientar os alunos a buscarem ajuda com algum colega, vizinho, parente ou mesmo uma ‘Lan House’, a fim de resolver esse pequeno empecilho tecnológico.

debate que foi realizado a partir das histórias contadas pelos familiares, até a leitura do conto, do poema lido e do vídeo a que assistiram, a fim de tornar uma atividade contextualizada e produtiva, considerando, por fim, todas as etapas que foram tratadas.

Bordini e Aguiar (1993) evidenciam a importância de utilizar a pluralidade de metodologias para o tratamento do texto literário por parte do professor em razão de limitar o autoritarismo do sistema educacional que define padrões preestabelecidos.

[A] tarefa de uma metodologia voltada para o ensino de literatura está em, a partir dessa cheia de contradições, pensar a obra e o leitor e, como base nessa interação, propor meios de ação que coordenem esforços, solidarizem a participação nestes e considerem o principal interessado no processo: o aluno e suas necessidades enquanto leitor, numa sociedade em plena transformação. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 40)

Com efeito, as metodologias de abordagem da literatura em sala de aula devem considerar o papel do leitor na experiência literária que, ao atualizar os sentidos do texto, pode promover a sua formação humana emancipadora e a sua condição de sujeito na sociedade, conforme defende Freire (2011).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da proposta didática aqui apresentada, espera-se que os alunos consigam, de fato, apropriar-se de um texto literário tomando-o como ponto de partida para refletir sobre si e, sobretudo, sobre o outro, a fim de formar alunos críticos e reflexivos, capazes de debater e de construir conhecimentos sobre as mais variadas temáticas.

Os caminhos supracitados que servem de exemplo para o professor seguir em sala de aula apontam para uma necessidade de haver, cada vez mais, um debate profícuo e benéfico em torno das discussões aqui propostas – neste caso específico, o da representatividade e o da diversidade feminina, assim como as metodologias de ensino de literatura devem acolher a divergência de posturas ideológicas.

Tomar um texto literário e promover novas leituras, considerando esse processo como uma ponte que dá acesso às mais variadas representações do ser humano na sociedade, implica oferecer aos alunos a possibilidade de irem além do que já sabem, de modo que se aguça sua curiosidade e, por conseguinte, se construa conhecimento e transformação sociocultural.

É papel do professor, neste sentido, ofertar o máximo de leituras possíveis aos seus discentes, uma vez que a Literatura pode e, acima de tudo, deve trabalhar não somente com textos que provoquem uma mera fruição mas, assim como o texto trabalhado acima, também sirva como um mecanismo para denunciar problemas históricos, como o da representação da mulher.

É válido ressaltar, por fim, que os passos mostrados não precisam, necessariamente, seguir a mesma ordem como foram aqui apresentados, tendo em vista que compete ao docente avaliar o que é mais importante e/ou o que pode ser trabalhado com mais urgência com seus alunos, pressupondo-se, portanto, que cada turma possui a sua própria subjetividade. Em virtude disso, ao conhecer esses alunos, o professor pode traçar novos caminhos para o ensino de literatura em sala de aula, primando pela compreensão do papel ativo do leitor na constituição de sua experiência literária e, por conseguinte, assegurando o seu direito à literatura.

## REFERÊNCIAS

- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **A formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CANDIDO, A. O Direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido. Revisada e atualizada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos. In: FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.
- FREITAS, M. da C. M. de. Empoderamento feminino e literatura: uma proposta didática para o ensino. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 203-221, 2020.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- PAULO, P, P. Uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência na pandemia no Brasil. **G1**, São Paulo, 07 de jun. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/07/1-em-cada-4-mulheres-foi-vitima-de-algum-tipo-de-violencia-na-pandemia-no-brasil-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2021.